

Apresentação do dossiê “Ficção e história — múltiplas ressonâncias”

*Benito Martinez Rodriguez e Luís Gonçalves Bueno de Camargo **

O dossiê “Ficção e história – múltiplas ressonâncias” que oferecemos aos leitores como número especial da Revista Letras, publicação dos cursos de Letras da Universidade Federal do Paraná, surgiu com o propósito de homenagear nossa colega, professora e pesquisadora Marilene Weinhardt, que completou recentemente quatro décadas ininterruptas de atividades de pesquisa e formação de profissionais nesta instituição.

Sua carreira universitária, iniciada em 1975, confunde-se com a própria história das transformações, desafios, enfrentamentos, resistência e construção de um espaço acadêmico livre, plural, consistente e estimulante, por meio de uma atividade perseverante, determinada e generosa. Não é demais sublinhar o quanto o projeto acadêmico e profissional da colega jamais se fez descolado de um profundo senso de compromisso com o interesse público da instituição pela qual ela jamais deixou de se interessar. Essa combinação de pesquisadora bem-sucedida, professora respeitada e colega sempre disposta a partilhar as responsabilidades de gestão político-acadêmica, com humor, consistência e dedicação, é rara em qualquer época, e tanto mais digna de destaque em dias como os que vivemos.

A tarefa destes editores acabou por revelar-se bem simples. Selecionar, na

* Professores do Departamento de Literatura e Linguística da UFPR

ampla rede de interlocutores que a professora Marilene Weinhardt construiu ao longo dos anos, um punhado de colegas que pudessem compor uma amostragem da variedade de possibilidades de abordagem inscritas no âmbito geral das relações entre Literatura e História.

Premidos que estávamos pelas circunstâncias de tempo e do espaço editorial disponível para uma publicação que, dada sua natureza, viria a ganhar também uma versão impressa, enviamos uma primeira série de convites que foram, sem exceção, pronta e afirmativamente respondidos.

O presente dossiê reúne estudos de um conjunto de pesquisadores com os quais Marilene Weinhardt vem constituindo relações de trabalho e cooperação no decorrer de sua carreira. Abrange desde seu orientador na formação pós-graduada até uma colega de cuja formação ela própria participou, desdobrando-se por uma ampla gama de seus próprios contemporâneos – colegas da própria UFPR, contemporâneos de seus tempos de formação na Universidade de São Paulo, parceiros no Grupo de Trabalho da ANPOLL, ex-companheiros de diretoria da ABRALIC desenhando a amplitude dessa rede de contatos.

A despeito da variedade de percurso e interesses intelectuais dos colaboradores, os textos aqui reunidos podem ser pensados em uma tripla subdivisão. Um primeiro conjunto se compõe de trabalhos que problematizam questões de ordem epistemológica; um segundo conjunto dialoga diretamente com questões e repertórios teórico-críticos mobilizados nos próprios estudos da colega Marilene Weinhardt sobre a ficção contemporânea; e por fim, outra parcela se compõe de contribuições de pesquisadores cuja atividade de pesquisa se ocupa de espécies textuais – como a crônica, o teatro, o memorialismo e a ensaística –, refletindo, nesse sentido, o amplo espaço de diálogos propiciado pelo trabalho de nossa colega.

Além de representar o reconhecimento pelos méritos da homenageada, os artigos que compõem este dossiê testemunham a riqueza de aspectos e perspectivas de investigação consignadas no tema geral das relações entre literatura e história.

O texto que abre esta homenagem tem como ponto de chegada o livro do escritor argentino César Aira, *La trompeta de mimbre*. Nele, Raul Antelo faz desembocar uma anti-tradição, ou seja um procedimento que é filológico porque se constroi na relação com a tradição. Longe de negar a tradição, de negar sua história, o que essa literatura busca é operar sobre ela, elegendo aquilo que ela nega, ignora ou silencia como elementos constitutivos. Ou seja, construindo sua *hystoeria*, tal como indicou Jacques Lacan. Assim, se na “Carta pras icamias”, é por meio da manipulação dos textos que já existem, por meio do corte, do enxerto, da reescrita que se atinge o novo, contemporaneamente o texto de Aira chega nele pela opção de se compor a partir de um processo de esquecimento e de silenciamento dos textos que criaram a memória e a voz que evitam.

Aproximar Bakhtin de Deleuze & Guatarri é o gesto crítico ousado a

partir do qual Silvana Oliveira desenvolve seu artigo sobre a literatura brasileira. Ao pensar o romance como um gênero que pertence a uma tradição do prosaico usualmente afastada do cânone, aquele enfatiza a ligação deste gênero moderno com o que seria, em princípio, “baixo” e “menor”. Estes vêm como fundamental na constituição da literatura aquilo que, numa “língua maior”, vem não da tradição literária “maior”, mas sim de práticas linguísticas “menores”, marginais. A autora chega então à literatura brasileira, munida de uma visão que lhe permite repensar um conceito como o de sistema literário, de Antonio Candido e propor que em casos como os de Machado de Assis e Guimarães Rosa é do menor se faz o maior. E aí as distinções entre literaturas “maiores” e “menores” se esvanecem.

Encerrando a primeira parte deste dossiê, o olhar engajado de Hermenegildo Bastos, relendo Aristóteles a partir de Lukács, procura investigar as distinções entre poesia e história preocupado muito menos com os modos textuais nos quais podemos nos basear para definir essas distinções do que com uma outra coisa, que lhe parece mais decisiva: o papel da poesia e da história na constituição de algo que, pela linguagem, desnaturaliza o real – ou os fatos –, retirando-o da esfera do inevitável. A poesia evoca a experiência histórica, a história a explica; a poesia trata do que pode acontecer, a histórica do que aconteceu – mas ambas dialeticamente operam no sentido de desenhar um movimento histórico que é sempre mudança, fruto das relações entre os eventos e não construção de um caminho com um fim previsível, determinado.

Em seu artigo, Anamaria Filizola revisita o labiríntico universo do tema sebástico, tomando como fio condutor uma leitura do romance *Aventura maravilhosa* de D. Sebastião, rei de Portugal, depois da batalha com o Miramolim (1936), de Aquilino Ribeiro. Problema multissecular que “além de controverso, ... é fonte de muitos preconceitos”, como assinala a autora já no início do trabalho, sua abordagem crítica recomenda não apenas uma avaliação do percurso do tema no campo literário mas de seus complexos rebatimentos e revisões no curso da historiografia lusitana. E nesse caso, a conhecida polêmica entre Malheiro Dias e António Sérgio na década de 1920 oferece uma rica oportunidade para a compreensão do tratamento dado por Aquilino Ribeiro ao velho tema em seu romance, o que leva a ensaísta a indagar-se sobre essa obra tratar-se ou não de um “romance histórico”.

Abordar em seu conjunto uma obra vasta, variada e complexa como a da escritora nascida na Argentina María Rosa Lojo é o desafio a que se propõe Antonio R. Esteves. Para vencê-lo, ele elege como guia uma outra obra – exatamente a da nossa homenageada. É assim que cada aspecto da obra de uma é iluminada pela da outra. Experiência individual e memória familiar, a diluição de fronteiras, a presença de escritores feitos personagens, as relações entre literatura, história e memória, tudo isso é examinado num texto crítico que mais do que analisar o trabalho de uma ficcionista e mobilizar a visão de uma crítica, cria um inesperado paralelo entre duas intelectuais que, a despeito de pertencerem a uma

mesma geração e viverem no mesmo canto do mundo, parecem separadas pelas mesmas fronteiras que procuraram relativizar.

Em sua leitura cerrada do romance *Don Frutos* (2011), de Aldyr Garcia Schlee, Maria Eunice Moreira empreende uma reflexão sobre as várias funções da evocação do passado pela via da ficção, reafirmando o interesse dessas formas narrativas não apenas para a reflexão sobre os tempos idos, literariamente representados, mas sempre também para as circunstâncias do presente da produção romanesca. Demonstrando a perícia do autor na ficcionalização da controversa personagem histórica, o artigo explicita os liames tensos e instigantes entre memória, identidade e poder. Burlando a factualidade documental e falseando o dado biográfico, a forma ficcional nos convida a pensar, nas palavras de Moreira, que “não há uma história, mas histórias, no plural”.

É no período em que se encerrava a vida da controversa figura histórica de Don Frutos que se concentra o artigo de Pablo Rocca. Nele se traça um panorama literário tanto vasto quanto imprevisto. No período marcado por uma guerra de longa duração – conhecida precisamente como A guerra grande – que manteve sitiada a cidade de Montevideú, diferentemente do que se poderia esperar, a imprensa teve grande atividade. Embora os livros impressos localmente tenham se tornado escassos, tanto do lado dos sitiados como dos sitiantes, os jornais se multiplicaram, neles sendo concedido grande espaço à literatura. A diversidade das obras e os meios de circulação são examinados pelo autor que, paralelamente, também investiga a situação do ensino no período, sobretudo o de línguas estrangeiras, como o inglês e o francês.

Abre a terceira parte do dossiê o artigo de Antonio Dimas. A leitura dos recortes de escrita memorialista de Joaquim Nabuco e de Gilberto Freyre oferece uma oportunidade renovada de pensar as articulações entre o pensamento desse par de intelectuais pernambucanos “de séculos consecutivos”, cuja compreensão do Brasil é profundamente determinada pela problemática da escravidão e da relevância dos negros na formação de nossa sociedade. Percorrendo com atenção um recorte dos escritos confessionais de cada um dos autores, Dimas demonstra tanto as eficácias do estilo quanto as estratégias de hierarquização e subalternização presentes na representação de si e do outro em escritos de Nabuco, seja no caso da visão benigna do aristocrata branco em face dos negros escravizados, seja na formulação do mito da benevolência da escravidão negra no Brasil quando comparada à experiência norteamericana. E daí traça a conexão com registros de Freyre, que talvez extraia de seu predecessor as bases de “um dos mitos mais resistentes e mais controversos de nossa historiografia”, o da natureza relativamente branda da escravidão negra no Brasil.

O historiador Carlos Alberto Medeiros Lima, com seu artigo “Iracema vota. Ficção, política e história em José de Alencar”, provocativamente se propõe a esmiuçar as bases do projeto nacional formulado por Alencar no ensaio *Systema representativo* (1868), apontando as conexões e a base comum de tal concep-

ção com aquelas presentes nas principais obras ficcionais do escritor. Dialogando com a fortuna crítica sobre a produção alencariana que se vem renovando em anos mais recentes, tanto no campo dos estudos literários quanto da ciência política, Lima empreende uma cuidadosa leitura sobre as ideias de Alencar sobre a representação política e os meios para o seu exercício, permitindo ao leitor dos nossos dias compreender os modos pelos quais o projeto político e o literário se articulavam, ou na fórmula arguta do título, como “Iracema vota”.

Em “Artur Azevedo e a burleta: A Capital Federal”, João Roberto Faria nos oferece uma leitura minuciosa da peça, combinada a uma esclarecedora notícia sobre o desenvolvimento dessa forma dramática no teatro brasileiro do final do século XIX, que tem nesta peça um dos seus exemplos mais característicos, e no autor, talvez seu maior cultivador. Contudo, é precisamente daí que se pode uma vez mais reconhecer o quanto a burleta carioca, herdeira da tradição das revistas do ano, guarda uma viva conexão com a história, em chave análoga a que se pode também reconhecer no caso da crônica jornalística, ou ainda na canção popular. E se é assim, pensada como “um recado claro para os seus contemporâneos”, a releitura dessa espécie de comédia de costumes, ligeira no tom e espetaculosa nos meios, pode ajudar-nos a compreender não apenas seu significado em sua época, mas também a permanência em múltiplas refundições de seus procedimentos em formas de entretenimento ainda muito vigorosas em nossos dias.

Partindo de um diálogo crítico com historiadores que se tem indagado sobre as afinidades e as diferenças entre as práticas do historiador e a do cronista, Luiz Carlos Santos Simon sublinha que “a subjetividade como instrumento do cronista para lidar com as questões relativas ao tempo” está entre os aspectos que francamente tem alimentado o interesse daqueles por esse gênero cuja vocação fronteira, entre as formas estéticas e a natureza colada à matéria documental, “já não se limita a nichos críticos”. Focalizando exemplos do trabalho do cronista Rubem Braga, Simon demonstra a fina articulação entre o tom e a matéria, entre estilo e história, por meio de uma seleção eficaz de textos de diferentes etapas da trajetória do escritor.